



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

MARIANA SIMÕES ALVES DE SENA

**ADOÇÃO DE ANIMAIS E LOGOTERAPIA: A GUARDA
RESPONSÁVEL COMO CAMINHO PARA AUTOTRASCENDÊNCIA**

CAMPINA GRANDE-PB

2017

MARIANA SIMÕES ALVES DE SENA

**ADOÇÃO DE ANIMAIS E LOGOTERAPIA: A GUARDA
RESPONSÁVEL COMO CAMINHO PARA AUTOTRASCENDÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação de Psicologia da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para a obtenção do grau de
Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Orientador(a): Prof.^a Ms. Lorena Bandeira
Melo de Sá

CAMPINA GRANDE-PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S474a Sena, Mariana Simões Alves de.
Adoção de animais e logoterapia [manuscrito] : a guarda responsável como caminho para autotranscendência / Mariana Simões Alves de Sena. - 2017.
35 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2017.
"Orientação: Profa. Ma. Lorena Bandeira Melo de Sá, Departamento de Psicologia".

1. Animais. 2. Logoterapia. 3. Autotranscendência. I.
Título.

21. ed. CDD 615.89

MARIANA SIMÕES ALVES DE SENA

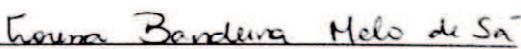
**ADOÇÃO DE ANIMAIS E LOGOTERAPIA: A GUARDA RESPONSÁVEL COMO
CAMINHO PARA AUTOTRASCENDÊNCIA**

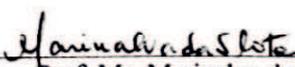
Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação de Psicologia da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para a obtenção do grau de
Bacharel/Licenciado em Psicologia.

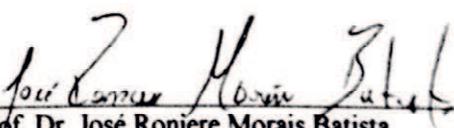
Orientador(a): Prof.^a Ms. Lorena Bandeira
Melo de Sá

Aprovado em: 25/04/2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Lorena Bandeira Melo de Sá (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Marinalva da Silva Mota
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. José Roniere Morais Batista
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, pelo suporte que
ressignificou a distância, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, por ser a melhor amiga que eu poderia desejar, me convencendo de que ser a melhor versão de mim mesma já me basta e, sobretudo, pela paciência e amor incondicionais quando me esqueço disso. Ao meu pai, pelos ensinamentos constantes de respeito à natureza, e por me capacitar a compreender que o amor pode ser demonstrado de mil e uma maneiras, exigindo apenas que saibamos percebê-las. E à minha irmã, pela partilha da distância do ninho.

Registro também meu agradecimento ao Flip, meu companheiro de estimação que deixou saudades e me fez experimentar a autenticidade desse amor que vivi e tentei retratar neste trabalho, além de Filó, Zeca, Valentina, Júlia, Roberto, Biba, Galego, Grude, Pandora e todos os demais do canil que já passaram pela minha vida e ainda se fazem presentes.

Agradeço ainda à minha avó Ademilsa, por me ensinar que não é preciso se vangloriar por ser tolerante frente à vida, e à minha avó Josefa (in memoriam), por ter sido a melhor avó que eu poderia ter. Ao meu tio Aluízio (in memoriam) e minha tia Minervina, agradeço pela acolhida em sua casa desde o início dessa caminhada, e aos demais familiares pelas vivências que compartilhamos, longe ou perto. Gostaria de fazer menção especial à minha tia Gorete, que sempre se fez presente de forma muito singular e significativa, sendo, para mim, a prova da importância do interesse pela espiritualidade.

Da mesma forma, agradeço à minha professora e orientadora Lorena, responsável pela minha escolha de procurar tornar, todos os dias, a logoterapia minha filosofia de vida, além dos demais professores que fizeram parte dessa jornada, aos quais devo extremo respeito e admiração pela nobreza da profissão. À logoterapia, registro minha gratidão por me apresentar a um universo novo de significados e formas de ver a vida e seus acontecimentos, além de me encorajar e inspirar à acompanhar pessoas em suas próprias jornadas em busca de sentido.

Sou grata também aos meus colegas de turma, em especial, aos de logoterapia, por me permitirem fazer parte de algumas de suas histórias a serem contadas futuramente cheias de saudade, e pela convivência divertida que me proporcionaram nesses cinco anos e meio, fazendo meus dias mais leves. E ao meu namorado, gratidão pela oportunidade de convivência, companheirismo e amor.

*“Ser um ser humano, é trabalhar por algo
além de si mesmo.”* VIKTOR FRANKL

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
	2.1 Relação homem-animal	10
	2.2 Dimensão social na Logoterapia	12
	2.3 Logoterapia e guarda responsável de animais	14
3	PERCURSO METODOLÓGICO	16
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	17
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS	34

ADOÇÃO DE ANIMAIS E LOGOTERAPIA: A GUARDA RESPONSÁVEL COMO CAMINHO PARA AUTOTRASCENDÊNCIA

SENA, Mariana Simões Alves de¹

RESUMO

Esta pesquisa buscou evidenciar os valores envolvidos na vivência da guarda responsável de animais adotados que viviam em situação de abandono, através do discurso dos próprios adotantes, considerando que a responsabilidade inerente ao cuidado de um animal, pode se configurar como forma legítima de levar o sujeito à autotranscendência, também como resultado desse caráter social que pressupõe as relações dos seres humanos no mundo. Para tanto, foi feita uma pesquisa de caráter qualitativo, com uma amostra composta por dez sujeitos que adotaram animais e que ainda vivem com eles, através de questionário sócio-demográfico e uma entrevista semi-estruturada na qual constaram perguntas que foram analisadas a partir da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) para análise de dados qualitativos, e serviram de base para a discussão, que foi fundamentada na Análise Existencial proposta por Viktor Frankl ou, mais precisamente, na vivência de valores – em especial os valores de atitude generalizados, que são uma premissa básica para a realização e autotranscendência humanas. A interação com um animal é considerada, enquanto forma de relação social, vivência que perpassa necessariamente a realização de valores autênticos, como consequência da autotranscendência, na medida em que o cuidado com outro ser faz com que o ser humano deixe de enxergar a si mesmo. Os resultados foram favoráveis para a possibilidade de autotranscendência nesses casos, quando a decisão de adotar provoca mudanças e viabiliza a vivência de valores.

Palavras-chave: Animais; Logoterapia; Autotranscendência.

¹ Graduanda do curso de Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

1. INTRODUÇÃO

A relação homem-animal, que teve início há cerca de seis mil anos atrás, se deu em função dos benefícios da ajuda que os animais poderiam prestar no desempenho cotidiano pela realidade hostil da época, ou seja, uma relação de caráter utilitário (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009). Essa relação se mantém até hoje através da domesticação, mas muitas vezes por motivos também de cunho afetivo, sendo os animais fonte de apego e afeto, além de desempenharem outras funções, como a auxílio em tratamentos hospitalares ou com questões de segurança (ALMEIDA; ALMEIDA; BRAGA, 2009; SANTANA; OLIVEIRA, 2006; SOTO 2003), sendo esta última uma das grandes motivações para a adoção.

Os estudos sobre os benefícios da relação homem-animal de estimação começaram por volta da década de sessenta (ALMEIDA; ALMEIDA; BRAGA, 2009), mas frequentemente com foco nos benefícios que o animal traz para o ser humano, colocando-os em uma posição de serventia, utilidade. Desse modo, são geralmente evidenciados aspectos de ordem psicológica e física em função das atividades que o humano é levado a praticar por conta da presença do animal, como o mero movimento para alimentá-lo, por exemplo, induzindo à atividade física, mas já são evidenciadas outras situações, como quando estimulam carinho e afetividade (ALMEIDA; ALMEIDA; BRAGA, 2009; TATIBANA; COSTA-VAL, 2009).

Mesmo em uma sociedade cada vez mais intelectualizada e informada, com fortes incentivos à educação e a legislações direcionadas a preservação ambiental, muito ainda precisa ser feito no que diz respeito à garantia e preservação dos direitos dos animais. No Brasil, poucas cidades apresentam legislações específicas para a causa, especialmente em se tratando de delimitações sobre o exercício guarda responsável de animais. Apesar disso, o número de animais de estimação é crescente, podendo ser considerada como uma nova forma de existência a partilha de uma vida com eles (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009).

Tomando por base a realidade pós moderna, os costumes urbanos muitas vezes negligenciam hábitos coletivos, fazendo com que a solidão e isolamento das pessoas se torne cada vez mais comum (SANTANA; OLIVEIRA, 2006). Nesse contexto, acaba ocorrendo o fortalecimento de um hábito também cada vez mais praticado: a adoção e guarda responsável de animais de estimação.

Para Bretones (2005), o homem é um ser que deve viver em comunidade, e deve levar em consideração o aspecto relacional em si mesmo bem como em plantas, animais e quaisquer seres vivos, pois é nessa vivência em comunidade que se dá a

autotranscendência. Esta última, funcionando como base teórico-prática da Logoterapia, pode ser compreendida como o caráter socializante do ser humano (FRANKL, 2003; 2005; 2011 apud SÁ, 2016).

Essa interação, bem como qualquer encontro que é proporcionado aos seres vivos, leva a possível experiência de valores que, para a Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Emil Frankl, a despeito de sua fundamentação coletiva, só podem ser vividos de forma singular pelos sujeitos, devido ao caráter de unicidade que tem os seres humanos (PAREJA HERRERA, 2007).

Esses valores podem se apresentar de três formas: dando, recebendo e tomando atitudes diante das situações experimentadas, representando os valores criativos, vivenciais e atitudinais, respectivamente (PAREJA HERRERA, 2007). Esses valores também correspondem à dimensão social do indivíduo, uma vez que só podem ser vivenciados na abertura do homem ao mundo (SÁ, 2016).

O estabelecimento da identidade do humano também é facilitada quando há contato com um animal (ALMEIDA; ALMEIDA; BRAGA, 2009), especialmente no caso das crianças, quando da participação no ciclo de vida de um animal se dá o contato com noções elementares e até mesmo complexas sobre a sua própria natureza, seja na percepção do ciclo vital ou até mesmo experimentando e percebendo as emoções do animal. Pode-se citar também o caso de idosos, no cuidado despendido aos animais fortalecendo seus estados de saúde (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009).

Sendo assim, o foco deste trabalho, portanto, foram pessoas que optam por colocar em prática a adoção de animais – que podem ser chamados de animais de estimação ou de companhia (ALMEIDA; ALMEIDA; BRAGA, 2009), e o cuidado dos mesmos de maneira responsável. A adoção será considerada pré-requisito para realização da entrevista, uma vez que, a partir dela, fica patente a responsabilização do sujeito frente ao ato e ao que prevê o conceito de guarda responsável, apesar desta última não prever adoção.

Será utilizado o termo “guarda responsável” como forma de demonstrar o obsoleto da concepção de posse frente a essa interação. Partindo do pressuposto de que o convívio com esses animais tem se configurado como uma forma legítima de exercitar a missão humana de humanizar o seu próprio horizonte, a relevância deste trabalho se encontra na proposta de demonstrar que os benefícios desse convívio não precisam, necessariamente, partir apenas das vantagens objetivas que os animais podem dar aos seus humanos, objetivando sobretudo demonstrar como essa interação pode determinar a possibilidade de autotranscendência.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 **Relação homem-animal**

Tida anteriormente em absoluto como uma relação entre um possuidor e um objeto, na qual se utilizavam termos como “proprietário” ou “posse responsável”, o vínculo entre o homem e o animal tem sofrido uma série de modificações no que diz respeito à sua concepção social e até mesmo enquanto construção jurídica urgente, com o estímulo de campanhas de conscientização e educação ambiental, implantação de normas e leis, entre outros fatores (SANTANA; OLIVEIRA, 2006). Nesse contexto, pode-se evidenciar a substituição do termo “posse” para “guarda”, exemplificando e demonstrando o obsolescimento dessa concepção de posse frente a essa interação.

O termo guarda responsável pode ser definido no ramo científico basicamente como um “dever ético que o guardião deverá ter em relação ao animal tutelado, assegurando-se a este o suprimento de suas necessidades básicas e obrigando-se a prevenir quaisquer riscos que possam vir a atingir tanto o animal, como a própria sociedade.” (SANTANA; OLIVEIRA, 2006, p.21) que também consta na Declaração Universal dos Direitos dos Animais, mas judicialmente ainda não possui delimitações específicas.

O número de animais de estimação é crescente, podendo ser considerada uma nova forma de existência a partilha de uma vida com eles (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009). Com isso, os animais são também cada vez mais considerados como verdadeiros membros das famílias das quais fazem parte (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009; SANTANA; OLIVEIRA, 2006), implicando em um antropomorfismo que, vale ressaltar, quando estimulado de forma exagerada, pode ser capaz de gerar danos na saúde e comportamento dos animais (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009).

Os estudos sobre os benefícios da relação homem-animal de estimação começaram por volta da década de sessenta (ALMEIDA; ALMEIDA; BRAGA, 2009), mas frequentemente com foco nos benefícios que o animal traz para o ser humano colocando-os em uma posição de serventia, utilidade. Dessa forma, são geralmente evidenciados aspectos de ordem psicológica e física em função das atividades que o humano é levado a praticar por conta da presença do animal, como o mero movimento para alimentá-lo, por exemplo, induzindo à atividade física, mas já são consideradas outras situações, nas quais, por exemplo, a

convivência estimula carinho e afetividade (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009; ALMEIDA; ALMEIDA; BRAGA, 2009).

Apesar disso, as arbitrariedades humanas ou especismo como define Singer (2004), que por vezes aniquilam a dignidade dos animais vão, cada vez mais, cedendo lugar a uma comunicação também facilitada pela semelhança que vem apresentando a estrutura social do homem em comparação a do animal, justificada pelo antropomorfismo que hoje sofre esse último (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009), mas principalmente pela percepção de que os animais e os humanos possuem alguns anseios em comum como aponta Silvano et al. (2010) p. 66, “desejos por comida e água, abrigo e companhia, liberdade de movimentos e de não sentir dor ou sofrimento.”

As relações de consumo ainda podem despertar outras motivações para a aquisição de um animal de estimação, nem sempre baseadas na importância do vínculo afetivo (SANTANA; OLIVEIRA, 2006), demonstrando como novas necessidades sociais alteram também as funções de um animal (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009). A tolerância dos humanos em relação aos animais depende de suas vivências anteriores, seu meio cultural e consequente ideia sobre o que seria um comportamento adequado (ALVES et al., 2013).

Dentre os fatores que podem representar um risco ao sucesso da adoção e guarda responsáveis, podem-se destacar situações decorrentes da interação como expectativas equivocadas ou irreais sobre a realidade de se ter um animal (LANDSBERG et al., 2004), em função do desconhecimento das diferenças e necessidades deste último, fazendo com que alguns de seus comportamentos não sejam compreendidos, por mais que sejam normais para a espécie.

Nesse contexto específico, é necessário que os indivíduos que tem animais de estimação compreendam o que motiva certos comportamentos, configurando uma interação mais saudável e efetiva no que diz respeito à viabilização da condição de que isso aconteça socialmente também para os animais, prevenindo dificuldades que atrapalhem o sucesso dessa interação, respeitando as necessidades da espécie e não provendo apenas os cuidados básicos como suficientemente bons para o bem-estar desses seres (HORWITZ & MILLS, 2009 apud ALVES, 2013).

2.2 Dimensão social na Logoterapia

O caráter social do homem, que pode ser traduzido em forma de missão no mundo, depende de uma sensibilização – ou educação – para uma consciência responsável sobre os

fatores próprios de sua natureza, como o mundo do qual faz parte, ecologicamente falando (BRETONES, 2005).

Para a Logoterapia, o aspecto social perpassa as três dimensões (biológica, psicológica e espiritual), uma vez que estas são vivenciadas pelo ser humano quando de seu contato com o mundo, considerando a natureza relacional do homem – e suas três dimensões, que só se dá para além de si mesmo e, portanto, só é vivenciada nessa sua abertura ao mundo (SÁ, 2016).

Essa relação com o mundo contribui até mesmo para a constituição de sua identidade, e reitera a noção de troca enquanto movimentação existencial. Para tanto, o mecanismo de diferenciação é indispensável, na medida em que dá ao homem a capacidade de se diferenciar do outro, possibilitando que ocorra de forma legítima a autotranscendência que, para Frankl é definida como a capacidade do homem em dirigir-se para algo ou alguém que não seja ele mesmo (FRANKL, 2016 apud SÁ, 2016).

Além desse mecanismo citado, outro muito importante é a afetação. A nível social, a afetação possibilita a vivência dos chamados valores de atitude generalizados, através dos quais o sujeito se posiciona diante de um sofrimento que não se origina nele próprio, mas está sendo parte da vida do outro (SÁ, 2016). A vivência de valores, nesse caso, também evidencia essa dimensão social, visto que se dão nas experiências do homem no mundo. Os valores de experiência, por exemplo, se dão na relação com o outro, com um ser superior, e até mesmo com a natureza (FRANKL, 2003).

Segundo Pareja Herrera (2007, p.182), “Fazer referência ao sentido e aos valores supõe que vamos considerar o ser humano como um ser radicalmente aberto ao mundo e não como uma mônada, cuja essência existencial é a autotranscendência.”. A intencionalidade é característica indissociável dessa capacidade, através da qual o ser humano transcende a si mesmo (FRANKL, 2003). Vale ressaltar ainda que, para a Logoterapia, a maior forma de o ser humano transcender a si mesmo é através do amor, enquanto fenômeno que caracteriza o que há de humano na existência, e pressupõe consciência, liberdade e responsabilidade (FREITAS, 2015).

A essência da existência humana é definida pelo posicionamento, através de fenômenos imediatos que são a liberdade e responsabilidade – dos quais o ser humano é dotado, em resposta a situações diante de si mesmo, de outras pessoas e de Deus (PAREJA HERRERA, 2007). A importância dessa concepção está no fato de que, apesar das contingências, o ser humano apresenta plena capacidade de, livremente, direcionar seus atos para o propósito intencional de ter algo ou alguém a quem se sinta atraído, partindo do pressuposto de que a

motivação básica dos sujeitos está naquilo que lhe confere significado e valor (PAREJA HERRERA, 2007).

A responsabilidade é um conceito trabalhado também pela Logoterapia que, segundo Pareja Herrera (2007), a define como a habilidade e capacidade de o sujeito responder às situações, de forma livre, configurando uma dimensão que abarca o “ser” e o “que fazer” humanos em suas jornadas em busca de sentido, tornando possível a vivência de valores.

A filosofia atentava para os valores em se tratando da discussão sobre o bem e a bondade, mas os valores, para a Logoterapia, estão externos ao ser humano e por serem externos, denotam um caráter de demanda, atraindo os sujeitos e conferindo prioridade em relação à deveres e obrigações (PAREJA HERRERA, 2007). Os valores tem caráter apriorístico, e representam uma projeção do interior dos indivíduos, que é influenciado pelo contexto social, mas não necessariamente determinado por ele (PAREJA HERRERA, 2007).

Desse modo, os valores como projeção do interior do ser humano e que, ao mesmo tempo, sofrem influência de aspectos de ordem social, são verdadeiramente vivenciados por ações pautadas no princípio da responsabilidade em função de uma convivência mais humanizada em comunidade, considerando seu aspecto de determinação no coletivo. Dito de outra forma, o ser humano poder ter valores, ou ser valores (PAREJA HERRERA, 2007) e, para tanto, necessita-se reflexão e criticismo, uma vez que um valor vivenciado de forma acrítica certamente irá gerar conflito (PAREJA HERRERA, 2007).

A vivência de valores e significados no decorrer da existência depende da dimensão noética do ser, que tem sua expressão por meio da consciência. O homem possui, portanto, a consciência como um fenômeno especificamente humano, que se apresenta como uma lei moral individual indispensável ao movimento de posicionamento diante da vida e suas contingências, funcionando como principal processo para a tomada de decisões, independente até mesmo de convenções sociais, mas também está sempre atrelada à elas (PAREJA HERRERA, 2007).

A consciência, para a Logoterapia, apresenta ainda um aspecto criativo responsável pela finalidade de humanização dos sujeitos no mundo (PAREJA HERRERA, 2007), podendo considerar a benevolência como um grande meio de alcançar essa finalidade, especialmente no que diz respeito à relação com a natureza (BRETONES, 2005). Desse forma, é possível relacionar esse conceito com a temática deste trabalho, voltando-nos especificamente à temática do cuidado responsável com os animais de estimação.

No mundo, a responsabilidade dos indivíduos se dá – assim como a experiência total – de maneira superior em função de sua consciência, e demanda um compromisso com a

humanização e solidariedade com outros seres humanos (PAREJA HERRERA, 2007). Desse modo, questiona-se o motivo de não pensar nesse conceito estendendo-o para outros seres vivos, compreendendo sua inferioridade – ou diferença – a nível de consciência como motivo para que despendamos nosso cuidado para com eles ou, como aponta Bretones (2005), pensando-os como parte de nossa interação em comunidade nesse planeta, para o qual devemos cuidado.

2.3 Logoterapia e guarda responsável de animais

A interação homem-animal se constrói em função, portanto, de aspectos emocionais de motivação e necessidades psicológicas e físicas (SOTO, 2003). Com isso, se percebe a consolidação de uma nova postura ética das pessoas, justificada pela mudança de pensamento e comportamento sobre o assunto, apresentando tendências muito mais efetivas e humanitárias, que viabilizam a disseminação do senso de responsabilidade nos indivíduos frente às necessidades dos animais (SANTANA; OLIVEIRA, 2006).

Isto, somado a solidão característica da atualidade – de onde principalmente se originam os laços com eles, estimula a adoção responsável. Alguns países da Europa estimulam idosos a adotar animais, por representar benefícios à saúde dos mesmos pelo mero fato de se sentirem responsáveis por algo (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009).

Mesmo em uma sociedade cada vez mais intelectualizada e informada, com fortes incentivos à educação e à legislações direcionadas à preservação ambiental, muito ainda precisa ser feito no que diz respeito à garantia e preservação dos direitos dos animais. No Brasil, poucas cidades apresentam legislações específicas para a causa, especialmente em se tratando de delimitações sobre o exercício guarda responsável de animais.

Pareja Herrera (2007), evidencia como instrução e formação humana em relação a valores de convivência ainda se colocam separados por um abismo. Complementando essa ideia, pode-se citar Bretones (2005), quando aponta que o ser humano imperfeito, sem se dar conta dessa condição, com o passar do tempo passou a desvalorizar a natureza, antes tida como parte de sua própria história.

Dessa realidade, se apresentam como alguns subprodutos o consumismo, o imediatismo e o imprevisto (PAREJA HERRERA, 2007), entre outros fatores que podem, claramente, fragilizar a internalização de um senso de responsabilidade frente às formas de vida. Pontuando dentre tantas formas de garantia dos direitos dos animais – como seres

sensíveis e viventes – a educação ambiental se destaca na medida em que pode ser a possibilidade mais ampla de se alcançar o homem no nível da sua consciência.

Dessa interação, bem como de qualquer encontro que é proporcionado aos seres viventes, nasce a possível experiência de valores que, para a Logoterapia, a despeito de sua fundamentação coletiva, só podem ser vividos de forma singular pelos sujeitos, devido ao caráter de unicidade que tem os seres humanos (PAREJA HERRERA, 2007). Esses valores podem se apresentar de três formas: dando, recebendo e tomando atitudes diante das situações experimentadas, representando os valores criativos, vivenciais e atitudinais propostos pela Logoterapia (PAREJA HERRERA, 2007).

Além das obrigações, os laços afetivos criados entre os animais de estimação e seus humanos pode ser de ordem muito mais profunda e abstrata, gerando modificações substanciais quanto aos valores e, conseqüentemente, ao afeto como, por exemplo, a ampliação do sentimento de compaixão em pessoas que convivem com animais, podendo expandir essa característica para outras esferas de suas vidas (ALMEIDA; ALMEIDA; BRAGA, 2009).

O estabelecimento da identidade do humano também é facilitada quando há contato com um animal (ALMEIDA; ALMEIDA; BRAGA, 2009), especialmente no caso das crianças, quando da participação no ciclo de vida de um animal se dá o contato com noções elementares e até mesmo complexas sobre a sua própria natureza (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009), seja na percepção do ciclo vital ou até mesmo experimentando e percebendo as emoções do animal.

Logo, nesse contexto, o homem passa a ser responsável por prover as necessidades físicas, psicológicas e comportamentais de seus animais de estimação, reforçando a concepção destes como membros da família (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009). Soto (2003), aponta que em relação aos cães, o comprometimento do ser humano em se tratando de posse responsável deve ser valorizado, mas sabe-se que essa realidade pode definir também responsabilidade em relação a gatos ou quaisquer outros animais de estimação.

A responsabilidade do ser humano, para Frankl, de atualizar e realizar os valores que estão no mundo no decorrer da história, faz desse processo o ponto de partida para a autotranscendência (PAREJA HERRERA, 2007). Desse modo, as modificações sociais, morais, éticas e culturais que se aprimoram com o passar dos anos (SILVANO et al., 2010) são potenciais meios de os sujeitos transcenderem, como acontece em relação as leis, projetos, mentalidade e comportamento em relação a convivência equilibrada com animais,

configurando uma nova postura ética dos sujeitos sobre o assunto que, segundo Santana e Oliveira (2006), facilita a disseminação de um senso de responsabilidade pra com esses seres.

Fortalecendo essas modificações, alguns estudos corroboram a ideia de que o convívio com animais facilita ao ser humano a possibilidade de dar vazão ao “instinto” de cuidar de alguém, considerado como algo inato, além de se ter comprovação de que o mero fato de os sujeitos se sentirem responsáveis por algo externo a eles - como um animal – causa uma melhora significativa em estados negativos de saúde (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009).

A importância do estímulo à adoção de animais se dá também por esse motivo, além de configurar forte estratégia na redução de eliminação de animais em situação de abandono, que vem aumentando (SOTO et al., 2006). Aliada a educação e prática da guarda responsável, essa medida torna-se ainda mais efetiva, além de poder ser associada a nossa missão de benevolência como lei norteadora da vida, que deve estar voltada para o planeta e tudo o que nele habita (BRETONES, 2005), bem como prevê a Declaração Universal dos Direitos dos Animais, quando pontua que a consideração do “reconhecimento pela espécie humana do direito à existência das outras espécies animais constitui o fundamento da coexistência das outras espécies no mundo.” (ONU, 1978).

3. PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa que deu origem a este trabalho foi de cunho qualitativo descritivo teve como base a análise temática do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), proposta por, Lefèvre e Marques (2009). Teve como objetivo compreender meios de autotranscendência, realização de sentido, valores e responsabilidade resultantes da interação dos entrevistados com seus companheiros de estimação adotados.

A amostra foi composta por 10 participantes, de ambos os sexos, maiores de 18 anos, que tivessem adotado um animal de estimação que ainda vivesse sob sua tutela, de modo que pudessem refletir sobre a interação que mantinham. Os participantes foram escolhidos de forma aleatória, sendo, assim, a coleta dos dados foi obtida de forma intencional (não probabilística).

A partir deste critério, foi feito um contato inicial para apresentação da proposta e convite a participação que, ao ser aceito, fez possível a realização das entrevistas, que se deu em locais públicos ou residências dos participantes ou de familiares, onde foi feita a assinatura dos termos de consentimento livre e esclarecido – TCLE e de autorização para gravação de voz, para então dar início às entrevistas.

Após serem realizadas, as entrevistas semi-estruturadas e os questionários sócio-demográficos foram transcritos e analisados com base na análise do Discurso do Sujeito Coletivo, como já mencionado, resultando em uma descrição analítica, relacionando as inferências feitas com conceitos da Logoterapia e análise existencial de Viktor Frankl. O conteúdo e itens constantes nas perguntas e respostas serão descritos na discussão dos resultados.

Das 10 pessoas, foram 4 homens e 6 mulheres, com idades entre 21 e 57 anos. Sobre o estado civil, apenas um dos entrevistados era casado, sendo o 9 demais solteiros e com nível de escolaridade em maioria superior completo (6), seguido de superior incompleto (3), e ensino médio (1). Sobre a religião dos participantes 4 não apresentaram religião, enquanto outros 3 são católicos, 2 espíritas e apenas 1 budista.

Quanto ao lugar no qual residem, 3 são do Amapá, 1 do Rio Grande do Norte e 6 residem aqui mesmo na Paraíba, e a maioria mora com duas pessoas (4), seguidas das que moram sozinhas (3), e cada um dos demais participantes mora 1 com apenas uma pessoa, 1 com três e 1 com quatro. Fazendo referência às perguntas da entrevista semi-estruturada, seguem os resultados e discussão relacionada.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira pergunta realizada, “*O que motivou você a adotar um animal?*”, teve maior frequência de 04 ideias centrais, sendo as duas mais frequentes *compaixão* e *afetividade* – ambas com frequência de 4 respostas, seguida das ideias de *conforto*, com 2 respostas e *solidão*, que apareceu apenas uma vez, conforme demonstra a tabela 1.

Sujeito	Expressões-chave	Ideias centrais	Frequência
01	<i>“Minimizar o sofrimento dos animais domésticos sem assistência”</i>		
02	<i>“Compaixão porque é dolorido vê-los desamparados”</i>	Compaixão	4
03	<i>“fiz de tudo para tirar ela daquela situação precária”</i>		

05	<i>“vi a mãe dela ser atropelada, e ela era novinha, e como vi que ela não tinha onde ficar, resolvi trazer pra cá e cuidar”</i>		
02	<i>“Pela necessidade de ter amor e dar amor, e para esses bichinhos não seria diferente”</i>		
04	<i>“Pelo carinho expresso pelo animal”</i>		
06	<i>“Por conta do amor que eles tem pra com o dono. Eles dão amor, carinho, companheirismo sem pedir nada em troca e isso não é nenhuma falsidade”</i>	Afetividade	4
10	<i>“Eu tava num momento muito legal da minha vida, e eu tava amando muito, e eu queria amar mais alguém”</i>		
08	<i>“passa uma paz, um conforto”</i>		
09	<i>“por simplesmente gostar e me sentir bem com a companhia de um animal”</i>	Conforto	2
07	<i>“estar morando sozinha, pela companhia mesmo”</i>	Solidão	1

Tabela 1: expressões-chave e ideias centrais sobre a motivação para adoção de animais de estimação

A ideia mais frequente sobre essa pergunta foi a de que a motivação estaria fortemente relacionada ao sentimento de compaixão, bem como outras questões afetivas mais abrangentes. Pesquisas revelam que sentimentos como amor e afeição estão entre os principais motivos para a adoção e guarda responsável de animais de estimação (LESLIE apud ALMEIDA; ALMEIDA; BRAGA, 2009).

A compaixão, ou o ato de se compadecer, pode ser definido como o compartilhamento do sofrimento do outro, podendo estar também relacionado ao conceito de afetação, definido por Ortiz (2012), como a percepção afetiva de valor ou sentido, que impacta a pessoa mobilizando-a internamente, fazendo parte do fenômeno da autotranscendência. É através da afetação que se dá a experiência e a troca de valores (SÁ, 2016), e que constituem, em grande parte, a medida de tomada de uma decisão como a de adotar.

A intencionalidade presente na ação de se adotar um animal e mantê-lo sob tutela responsável, é definida pela consciência que, como afirma Freitas (2015), é algo que orienta para uma decisão autônoma que tenha sentido para o sujeito, e que o faça realizar valores.

Segundo Pareja Herrera (2007), a motivação básica da conduta do ser humano é aquilo que traz como resultado o contato com valores e sentido.

Nesse caso, pode-se fazer referência especial aos valores de atitude generalizados, os quais, segundo Lukas (1992), as decisões perante uma situação de dificuldade não precisam ser tão somente direcionados a satisfação de necessidades do próprio sujeito, podendo sempre ser transformado em amor ativo e em auxílio ao próximo, considerado nesse caso, outro ser vivo.

O amor que, para Frankl (2010) apud Freitas (2015), é também um ato intencional e se apresenta através de valores de experiência, se constitui, portanto, na medida em que o sujeito vivencia, em sua experiência no mundo, o encontro e a entrega para com outro ser (PAREJA HERRERA, 2007). Para a Logoterapia, esse encontro se dá de pessoa para pessoa, mas, assim como defende Pareja Herrera (2007) quando coloca que o amor sensibiliza para a captação dos valores e, ainda, afirma que a sensibilidade humana tem a capacidade de se emocionar no contato com a natureza, os discursos dos sujeitos 02 e 10 demonstram, em especial, como se pode estender o conceito para a relação homem-animal.

Desse modo, a motivação para a adoção pode se dar pela necessidade de “*minimizar o sofrimento dos animais domésticos sem assistência*”, bem como pela “*necessidade de ter amor e dar amor*”.

A segunda categoria mais frequente faz com que o aspecto do *conforto* seja avaliado como uma forma de motivação nesses casos. O conceito remete à ideia de tranquilidade, bem-estar, advindos do fato de os sujeitos gostarem de animais ou mesmo porque estes lhes trazem sentimentos de paz e conforto, como é observável de forma clara nos discursos 08 e 09. Uma pesquisa feita por Soto, relacionada a adoção de cães, demonstra que o fato de gostar de animais se apresenta como tendência para motivação a adoção dentre os entrevistados (SOTO, 2006).

Para Tatibana e Costa-Val (2009), as características dos animais que os diferenciam dos humanos como, se doar sem cobrar nada em troca, aceitar fatos sem julgamentos, entre outros, facilitam o fortalecimento do vínculo afetivo em comparação ao convívio com uma outra pessoa, justificando, em grande parte, o fato de essas pessoas se sentirem bem na companhia de um animal. Para a Logoterapia, o humano ao encontrar algo ou alguém a quem dedica seus esforços, vive a ausência de tensão (PAREJA HERRERA, 2007), justificando o bem-estar, desde que seja uma ação rica de sentido.

Desse modo, fazendo referência à ideia de conforto, a motivação para a adoção se dá “*por simplesmente gostar e me sentir bem com a companhia de um animal*” ou porque “*passa uma paz, um conforto*”.

A terceira e última categoria demonstra que a *solidão* seria um motivo para adoção de animais, como demonstra o discurso do sujeito 07, corroborando com o que apresenta a literatura quando confirma que a origem dos laços afetivos são, em grande parte, determinados pela solidão própria da realidade atual (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009). A oportunidade de se estabelecer um vínculo afetivo depende indiscutivelmente do encontro existencial, em função desse caráter relacional que apresenta o homem, e que pressupõe o contato com algo externo a ele mesmo (SÁ, 2016).

O fato de os animais não apresentarem muitas exigências por não terem o atributo da vontade tão desenvolvido em comparação aos humanos, facilita a compensação da solidão. Esta, se considerada como característica da qual pode ser proveniente algum nível de sofrimento, pode se configurar como uma possibilidade de humanização como aponta Pareja Herrera (2007) ao falar de valores atitudinais, especialmente fazendo relação ao discurso 07, quando dela [solidão] pode partir a decisão por adotar um animal enquanto forma de combatê-la, ou para livrar-se do que Frankl (2011) assume como uma vivência atual comum: o tédio. Assim, o discurso do sujeito coletivo referente à ideia de *solidão* pode se configurar da seguinte forma:

A motivação para adotar um animal se deu em função de “*estar morando sozinha, pela companhia*”.

A pergunta seguinte “*Como você define sua relação com os animais que você adotou que seguem sob sua tutela?*” apresentou 05 ideias centrais sendo *afetividade* a mais frequente presente em 4 discursos, seguida da ideia de *companheirismo* com 3 repetições, e finalizando com *relação de apoio*, *gratidão* e *responsabilidade* presentes em um discurso cada.

Sujeito	Expressões-chave	Ideias centrais	Frequência
02	<i>“convivência maravilhosa com muito afeto, aconchego e confiança”</i>		
06	<i>“muito verdadeira e recíproca, porque da mesma forma que eu gosto muito deles, eles gostam muito de mim também”</i>	Afetividade	4

09	<i>“extremo carinho, cuidado e atenção... é como se fosse um membro da família”</i>		
10	<i>“Na minha visão não sou só eu que faço bem a ela, ela também me faz bem, e é por isso que eu a mantenho na minha vida.”</i>		
04	<i>“de carinho, companheirismo... me sinto acompanhada, não me sinto só, por ficar conversando, trocando carinho”</i>		
05	<i>“eu trato como uma filha, pois são a minha companhia”</i>	Companheirismo	3
07	<i>“Relação de companhia e amor”</i>		
01	<i>“Relação de proteção e assistência mútua”</i>	Relação de apoio	1
03	<i>“relação de amizade, acho que ela se sentiu amada, resgatada... talvez seja uma forma de agradecimento que ela achou, demonstrando mais carinho”</i>	Gratidão	1
09	<i>“cuidar, colocar comida, fazer a higienização, o banho, tudo isso faz parte da relação que eu tenho com eles, de carinho, cuidados e atenção, do passeio”</i>	Responsabilidade	1

Tabela 2: expressões-chave e ideias centrais referentes à maneira como os adotantes definem a relação com o animal adotado

A *afetividade* também apareceu aqui como ideia central mais frequente, na medida em que a relação se configura como uma boa convivência, repleta de trocas como se pode observar nos discursos do sujeitos 06 e 10, e afeto, carinho, cuidado e atenção como presente nos discursos 02 e 09. Essa percepção da relação homem-animal corrobora com o que a teoria defende quando afirma que cães e gatos – como animais de estimação mais comuns – podem exercer um papel de extrema importância sobre a manutenção da saúde mental e física das pessoas, como aponta Tatibana e Costa-Val (2009), acrescentando que os benefícios psicológicos e emocionais advindos dessa interação vem sendo cada vez mais comprovados por pesquisadores (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009; ALMEIDA; ALMEIDA; BRAGA, 2009).

Além disso, a educação ambiental crescente vem melhorando essa relação, quando reafirma as diretrizes da guarda responsável (SANTANA; OLIVEIRA, 2006). Sobre a relação, a confiança experimentada pelos animais é tamanha, que faz com que duvidem, por

vezes, de seus próprios instintos, acreditando na garantia de seus companheiros humanos como norteadores de seus atos (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009). Assim, a relação além de pautada do amor, pode se configurar como grande chance de o ser humano dedicar-se a outro ser e estabelecer uma relação saudável e autêntica.

Essa relação, no entanto, pode resultar em uma possibilidade de antropomorfização dos animais, percebida em alguns discursos de forma velada e claramente observado no discurso 09. Essa característica é cada vez mais comum considerando como a vida compartilhada com animais de estimação vem se tornando uma nova forma de configuração de existência (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009) que, se não repensado pelos indivíduos responsáveis pelo animal, pode ser fonte de sofrimento com base nas dificuldades comportamentais dos animais, que segundo Alves et al. (2013), é uma das grandes causas de abandono. A afetividade refletida no amor vivenciado por esses animais então, pode aqui ter dois caminhos: o do amor autêntico que estimula autonomia e respeita as particularidades do ser, ou aquele equivocado, desequilibrado, que visa apenas a satisfação do humano frente ao animal, sendo o primeiro reconhecido pela Logoterapia como se observa em Freitas (2015), e o segundo como apenas uma negação do primeiro.

A afetividade, portanto, abarcando termos usados pelos entrevistados como confiança, aconchego, cuidado e carinho, pode ser traduzida em amor. Para a Logoterapia, o amor é a maior forma de o ser humano transcender a si mesmo (FREITAS, 2015), que se configura na relação com algo ou, como verifica-se nos discursos, com alguém a quem pode amar. Tudo isso, ainda para Freitas (2015), é de capacidade de todo ser humano, inclusive de progredir no amor, dependendo apenas da decisão por amar que, aqui, podemos traduzir quando da decisão pela adoção do animal.

Assim, o discurso do sujeito coletivo que define a relação dos adotantes com seus companheiros de estimação se dá pela “*convivência maravilhosa com muito afeto, aconchego e confiança*” ou mesmo como uma relação “*muito verdadeira e recíproca, porque da mesma forma que eu gosto muito deles, eles gostam muito de mim também*”.

Três discursos fizeram referência à ideia de *companheirismo*, que relaciona-se aqui a dependência do ser humano em função de seu caráter relacional, ou pelo caráter que demanda que os valores reafirmar, por se encontrarem fora do sujeito (PAREJA HERRERA, 2007). Vivido de forma também equilibrada e comunitária, essa característica pode ser fonte de autotranscendência, na medida em que as relações estabelecidas a pressupõem. Esse equilíbrio, por sua vez, pode ser encarado como a capacidade de diferenciação do ser humano,

definida por Sá (2016), como a capacidade do homem de diferenciar o que é próprio de si e dos demais.

Bretones (2005), equipara a ecologia à Logoterapia quando a primeira se refere ao estudo dos seres vivos e suas relações, e a segunda encara o homem como um ser vivo e social. Desse modo, o pressuposto mais importante do ser-no-mundo para a Logoterapia é o estabelecimento de relações, fazendo do homem um ser social e, portanto, dependente destas, pois assim como Sá (2016) afirma sobre os valores, as relações que possibilitam a autotranscendência só se estabelecem no mundo.

Assim, Também é possível relacionar a questão da solidão, quando o convívio retratado nos discursos demonstra uma forma de mitigá-la, valendo também ressaltar a necessidade do cuidado em relação a antropomorfização no discurso 05. Desse modo, o discurso do sujeito coletivo sobre a ideia de companheirismo define-se por uma “*relação de companhia e amor*”.

As ideias de *relação de apoio, gratidão e responsabilidade* estiveram presentes em um discurso apenas. Sobre a primeira, podemos pontuar o fato de que na relação entre animais e humanos fica patente o vínculo afetivo, como também utilitarista que existe (FESTINGER, 1957 apud SILVANO et al. 2010), que se estabelece, em uma leitura logoterápica através da própria relação como meio de vivenciar e trocar valores (SÁ, 2016; PAREJA HERRERA, 2007).

A *gratidão* pode ser vivenciada pelo sujeito 03 em seu discurso como a realização de um sentido para a decisão que tomou por adotar um animal em situação degradante, em sendo aquele significado universal presenciado na situação específica (PAREJA HERRERA, 2007), tido aqui como o movimento pelo resgate do animal. A unicidade do ser humano para a Logoterapia, define também a unicidade dos sentidos, o que define toda oportunidade como única e a irreversibilidade das decisões pressupõem a responsabilidade frente à elas (PAREJA HERRERA, 2007). Assim, a leitura que o sujeito faz sobre seu convívio com o animal adotado define o sentido dessa ação para ele, e a gratidão do animal o plenifica.

A *responsabilidade*, por sua vez, além de refletir os princípios da guarda responsável como Tatibana e Costa-Val (2009) muito bem pontuam que o homem deve prover as necessidades físicas, psicológicas e comportamentais de seus companheiros de estimação, pode ser ainda definida pela Logoterapia através do conceito de responsabilidade frente aos outros, como aponta Pareja Herrera (2007) ao discutir a temática. Para ele, a responsabilidade é, ainda, uma dimensão que perpassa o *ser* e o *que fazer* humanos, devendo determinar, em

parte, as decisões e comportamentos consequentes, que também são influenciados pelo contexto social.

Assim, os discursos do sujeito coletivo referentes às ideias de *relação de apoio*, *gratidão* e *responsabilidade* e podem ser construídos da seguinte forma:

Com os animais que adotei nutro uma “*Relação de proteção e assistência mútua*”, “*relação de amizade, acho que ela se sentiu amada, resgatada... talvez seja uma forma de agradecimento que ela achou, demonstrando mais carinho*” e de “*cuidar, colocar comida, fazer a higienização, o banho, tudo isso faz parte da relação que eu tenho com eles, de carinho, cuidados e atenção, do passeio*”, respectivamente.

A terceira pergunta do questionário “*Quais as contribuições geradas pela adoção de animais e como você se percebe diante dessas contribuições?*”, teve maior frequência de 04 ideias centrais. As expressões que contemplaram a ideia de *responsabilidade social* estiveram presentes 5 vezes, seguidas das ideias de *bem-estar animal* e *humano*, ambas com frequência de 3 repetições, finalizando com a ideia de *mudança pessoal* que apareceu em 2 discursos, e *combate a solidão* em apenas 1, conforme pode ser observado na tabela 3.

Sujeito	Expressões-chave	Ideias centrais	Frequência
04	<i>“Me percebo fazendo algo que devia ser feito, acho que se deve fazer algo pra evitar o sofrimento, seja de gente, seja de animal”</i>		
05	<i>“benefício pro animal e pra sociedade de uma forma geral, pelo sentido de se tirar os animais da rua, evitando a transmissão de doenças”</i>		
06	<i>“Vejo como um papel social, o animal retirado da rua evita vários acidentes, e várias doenças transmissíveis pra o homem”</i>	Responsabilidade social	5
07	<i>“em relação a superpopulação de animais abandonados, e a forma inapropriada que esses canis procriam as raças puras, como chamam”</i>		
09	<i>“Pra que vejamos menos animais nas ruas, faço um trabalho voluntário, onde eu tiro alguns animais que eu encontro em estado crítico”</i>		
01	<i>“Contribui na perseverança, na sensibilidade, na afetuosidade e amizade”</i>		

	<i>“Após um dia cansativo ele te recebe e torna teu dia feliz”</i>		
02 06	<i>“proporciona amor, carinho e companheirismo pra seus donos.”</i>	Bem-estar humano	3
04	<i>“além de tirar o animal da rua, tira de um local de sofrimento”</i>		
09	<i>“contribuiu pra que reduzisse tanto sofrimento desses seres indefesos”</i>	Bem-estar animal	3
10	<i>“se eu não tivesse adotado ela, ela não teria sobrevivido”</i>		
02	<i>“os animais nos trazem alegria, nos tornando mais humanos ainda, melhores como pessoa, pois são eles que nos ensinam a ser assim... aprendemos a amar sem esperar retribuição”</i>		
03	<i>“a contribuição principal é íntima. Você se torna uma pessoa mais amável e compassiva quando encontra um animal em situação degradante, e a oportunidade de tirar ele dessa situação te faz uma pessoa melhor, mais sensível, o que reflete no seu meio social, a partir do momento em que você se torna essa pessoa mais sensível”</i>	Mudança pessoal	2
08	<i>“ter uma companhia”</i>	Combate a solidão	1

Tabela 3: expressões-chave e ideias centrais referentes as contribuições percebidas provenientes de adoção e como os entrevistados se veem frente à essa contribuição.

Os discursos que contemplam a ideia de responsabilidade social, como uma responsabilidade a nível mais amplo, e não somente vinculado a relação do homem e o animal de estimação que adotou, leva-nos a compreender como o homem tem se aproximado da relação defendida por Bretones (2005), que o mesmo deve ter com a natureza, além de apresentar caráter comunitário.

A vivência em comunidade depende dos valores, uma vez que estes só podem ser vivenciados no mundo e, portanto, na relação que o homem constrói com tudo o que é externo a ele mesmo (SÁ, 2016), e que precisa estar pautada no equilíbrio proveniente do respeito aos limites próprios e de tudo com o que se diferencia, de acordo com o que propõe a logoterapia sobre a vivência livre e proporcionalmente responsável desses valores.

Além disso, como coloca Santana (2004), a garantia dos direitos dos animais não deve estar pautada na tentativa de igualar humanos e animais, mas sim estimular para que levem em consideração as diferenças de necessidades. Regan (2006) apud Silvano et al. (2010), afirma que assim pertencemos a uma comunidade moral na qual o interesse de uma espécie não se apresenta como superior ao de outra.

A preocupação apresentada nos discursos 04, 05, 06, 07 e 09 se direciona a situações externas e, sobretudo, de preocupação e interesse coletivos, deixando ainda mais patente o papel social. Nesse caso, o valor de atitude generalizado aparece, como Sá (2016) o define em termos do posicionamento que se tem pela situação-limite do outro, valendo ressaltar, no entanto, que esse outro aqui não se configura apenas como uma outra pessoa ou um – referente a quantidade – ser ou situação, mas sim, a um coletivo muito mais complexo. Assim, o discurso do sujeito coletivo que contempla a ideia de responsabilidade social, pode se apresentar da seguinte forma:

As contribuições da adoção de animais se dão a partir do “*benefício pro animal e pra sociedade de uma forma geral, pelo sentido de se tirar os animais da rua, evitando a transmissão de doenças*”.

As expressões que contemplam a ideia de *bem-estar humano e bem-estar animal* se relacionam, respectivamente com o que pontua Pareja Herrera (2007), sobre a ausência de tensão advinda da vivência de valores na primeira e, conforme já discutido anteriormente, considerando essa como principal motivação presente nos discursos, em especial, referentes à segunda. Sobre esta última, ainda associa-se aos preceitos da guarda responsável enquanto direito do animal enquanto ser senciente e dever do indivíduo que o adotou (SANTANA; OLIVEIRA, 2006).

Levando ambas em consideração, a ideia de realização de sentido é visível, enquanto uma descoberta possível não dentro do indivíduo – o que negaria a autotranscendência – mas sim fora, em toda relação com aquilo que é externo a si mesmo (FRANKL, 2003a apud FREITAS, 2015). Apesar disso, e a despeito do que pontua Pareja Herrera sobre a ausência de tensão, o bem-estar proveniente dessa realização não se dá através de um princípio homeostático (FRANKL, 2011).

Segundo Lukas (2012), o sentido é um meio de mudar a realidade através do amor, relacionando aos discursos 01, 02 e, em especial, no 06, quando diretamente expressa “*proporciona amor, carinho e companheirismo pra seus donos*”. No caso dos animais, a realização desse sentido se dá em função, especificamente, da vivência dos valores de atitude generalizados, que possibilitam o posicionamento do sujeito frente ao sofrimento alheio (SÁ,

2016), relacionando-se à ideia de compaixão mencionada ao início e que, como visto nos discursos, é encarado como uma contribuição a nível até mesmo social, e que abarca o conceito de autotranscendência.

De acordo com a logoterapia, portanto, o sentido pode ser descoberto através da realização dos valores que, como já foi dito, podem se configurar na realização de um ato, experimentando algo ou amando alguém, além da atitude tomada frente a algum tipo de sofrimento (PAREJA HERRERA, 2007). Sobre este último, pode ser referente ao próprio sofrimento ou ao de outras pessoas e é observável cada um deles, respectivamente, na adoção de um animal, na relação dos entrevistados com seus companheiros de estimação e na conduta motivada pela tentativa de mitigar ou erradicar um sofrimento existente.

O sentido gera o bem-estar na medida em que direciona a vida do sujeito, e resulta na mera “sensação de sentido” (FRANKL, 1990a p.18 apud FREITAS, 2015). Desse modo, o discurso do sujeito coletivo referente ao bem-estar pode se estruturar no sentido de que a adoção de animais “*contribui na perseverança, na sensibilidade, na afetuosidade e amizade*” e também na medida em que “*contribuiu pra que reduzisse tanto sofrimento desses seres indefesos*”.

A ideia de *mudança pessoal* esteve presente em dois dos discursos e corroboram com alguns estudos que demonstram como essa nova configuração, que vem se tornando a interação do homem com o animal, resulta em mudanças significativas no comportamento dos indivíduos em relação à questões antes muito bem delimitadas, como estrutura familiar e planejamento financeiro, além de questões de saúde física e emocional (SANTANA; OLIVEIRA, 2006; TATIBANA; COSTA-VAL, 2009). Além disso, podem ser claramente associadas à ideia de autotranscendência.

Na busca pelo sentido o ser humano é capaz de transcender a si mesmo na relação que mantém com o mundo, e essa é uma característica de sua existência (FRANKL, 2011). A autotranscendência é um dos recursos noéticos – considerados por Frankl como características antropológicas fundamentais da existência humana – através do qual se pode argumentar sobre o caráter social do ser humano, uma vez que a unicidade humana precisa da comunidade para atingir a plenitude de seu sentido (PAREJA HERRERA, 2007), além de ser o meio através do qual a existência se torna autêntica (FRANKL, 2011).

A autotranscendência é um fenômeno subjetivo definido pela busca de sentido em algo ou alguém que seja externo ao próprio sujeito, mas que não seja apenas uma projeção de si mesmo (FRANKL, 2011), ou seja, se dá através do encontro existencial e a troca que este pressupõe, definindo a capacidade de o sujeito, em esquecendo de si por um instante,

interessar-se verdadeiramente pelo outro. Essa troca, como o nome pressupõe, indiscutivelmente, deixa marcas, bem como se pode observar nos discursos 02 e 03.

Através do amor, a autotranscendência se apresenta em sua configuração mais ampla possível, pois é devido a essa qualidade que o indivíduo tende a expandir-se sempre, seja na direção de algo – como um sentido a ser descoberto – seja na busca de alguém a quem amar (FREITAS, 2015). Uma relação de amor autêntico, ainda segundo Freitas (2015), jamais será pautada no simples objetivo de mitigar tensões próprias do ser humano, mas sim na capacidade de perceber o outro e suas particularidades como autênticas e dignas de serem levadas em consideração, o que torna o sujeito capaz de apreender aspectos de sua própria realidade como pontua Pareja Herrera (2007), bem como os discursos, no geral, demonstraram ser possível mesmo na relação com animais.

Pareja Herrera (2007) afirma ainda que o amor permite, a quem ama, a possibilidade de afinar-se à captação de valores, justificando a mudança expressa nos discursos 02 e 03 e definindo o discurso do sujeito coletivo referente à mudança pessoal como contribuição pautada no fato de que *“os animais nos trazem alegria, nos tornando mais humanos ainda, melhores como pessoa, pois são eles que nos ensinam a ser assim, aprendemos a amar sem esperar retribuição”*, ou ainda no fato de que *“a contribuição principal é íntima. Você se torna uma pessoa mais amável e compassiva quando encontra um animal em situação degradante, e a oportunidade de tirar ele dessa situação te faz uma pessoa melhor, mais sensível, o que reflete no seu meio social, a partir do momento em que você se torna essa pessoa mais sensível.”*

A expressão referente à ideia de *combate a solidão*, aqui pontuada como contribuição a nível pessoal do adotante frente ao ato de adotar, se configura como o sucesso desse ato e das expectativas que alimentava sobre o convívio com seu companheiro de estimação. Desse modo, foi repetido aqui para demonstração de como corrobora com a teoria, até mesmo quando da dependência, dentre tantas outras esferas como no trabalho, entretenimento, entre outros, de emocional que a humanidade reforça há milênios, como aponta Silvano et al. (2010). Sua análise, no entanto, pode tomar por base tudo o que vem sendo pontuado sobre a necessidade humana de se estar em relação.

Assim, a o discurso do sujeito coletivo sobre a ideia de solidão em referência a contribuição do ato de adotar um animal pode se construir da seguinte forma:

A contribuição da adoção de animais se dá por *“ter uma companhia”*.

A quarta pergunta do questionário “*Quais mudanças houveram em sua vida com a presença de um animal de estimação?*” teve maior frequência de 05 ideias centrais, tendo maior repetição as expressões referentes ao *senso de responsabilidade* presente em 4 respostas, seguidas da ideia de *bem-estar* com duas, finalizando com *cuidado*, *sensibilização* e *autotranscendência*, todas presentes apenas 1 vez. Sobre estes últimos, apesar da frequência reduzida, são conceitos importantes para este trabalho.

Sujeito	Expressões-chave	Ideias centrais	Frequência
05	<i>“com relação a questão de responsabilidade. Você tem que cuidar da vida daquele ser vivo, levar pro veterinário, alimentar, tem a questão da higiene, até do local onde o animal vive. E disciplina, de eu ter alguém que depende de mim”</i>		
07	<i>“uma relação de cuidado, uma responsabilidade”</i>	Senso de responsabilidade	4
08	<i>“A mudança na rotina. Minha rotina é muito diferente, eu tenho que dar um tempinho de atenção a ela, e tenho que levar pro veterinário, tenho que alimentar, tenho que botar água.”</i>		
10	<i>“Meu senso de responsabilidade, saber que eu tenho alguém em casa, tá que é um animal, mas é o meu animal”</i>		
06	<i>“a principal mudança acho que é a autoestima. E o entusiasmo é massageado com a adoção de um animal”</i>	Bem-estar	2
09	<i>“são um tranquilizante natural! Ao brincar, ao fazer aquele chamego, aquele carinho, é como se automaticamente esquecesse momentaneamente dos problemas, além de fazer companhia”</i>		
02	<i>“a chance, nessa vida, de ser capaz de amar, de zelar e cuidar, me torna tão especial quanto esses bichinhos”</i>	Cuidado	1
03	<i>“a partir do momento em que eu pude salvá-la, tirá-la daquela situação eu me vi mais feliz. Me vi uma pessoa mais sensível, com coração mais aberto pra essas dificuldades, pelo que vi de benefício que eu trouxe pra ela”</i>	Autotranscendência	1
10	<i>“a minha forma de olhar pros outros animais”</i>	Sensibilização	1

Tabela 4: expressões-chave e ideia centrais sobre as mudanças percebidas após a convivência com um animal de estimação

A ideia de *senso de responsabilidade* aparece quase que em todos os discursos, demonstrando como de fato a convivência com um animal de estimação pressupõe um nível considerável de engajamento e responsabilização do sujeito ao que se propõe. Essa responsabilidade é traduzida pelos participantes, em grande parte, como cuidados básicos que os animais não são capazes no geral de desenvolver autonomia, quais sejam, alimentação, consultas ao veterinário e medicalização quando necessário, proporcionar lazer, limpeza e atenção, como fica claro nos discursos dos sujeitos 05, 07, 08 e 10.

Essas tarefas, que podem se configurar como trabalhosas para alguns indivíduos, são risco potencial para ações de abandono e negligência com os animais, principalmente quando se trata do desenvolvimento de doenças por parte deles (SOTO, 2006), ou por seus problemas comportamentais como aponta Alves et al. (2013). Do ponto de vista da implicação do humano no ato de adotar, e não propriamente de motivos advindos diretamente dos animais, se situam – como justificativa para a negligência – a questão da falta de conhecimento sobre as espécies e fatores como a motivação que levou à aquisição (ALVES et al., 2013).

Por outro lado, a implicação percebida nos discursos dos sujeitos entrevistados demonstra como o caminho, para eles, parece ser outro. Esse senso de responsabilidade é proveniente de aspectos muito mais íntimos e afetivos, marcados pela vivência de valores que, segundo Pareja Herrera (2007), sempre terão prioridade frente ao dever e a obrigação. Essa relação, que apresenta como premissa básica o encontro existencial, marcado pela troca afetiva própria da interação, é norteadada pela consciência, uma vez que ela se apresenta como lei moral que norteia as vivências concretas dos seres humanos (PAREJA HERRERA, 2007).

Essa noção de responsabilidade, ao que parece, tem relação com a ideia de educação enquanto processo civilizatório, se partirmos do pressuposto de que a educação e, nesse caso, mais especificamente a educação ambiental, funciona como um meio de transformação ética, política e filosófica do ser humano (SANTANA; OLIVEIRA, 2006).

Pareja Herrera (2007) defende que, para se viver em comunidade, é necessária a vivência de valores e responsabilidade, caso contrário, o ser humano em relação constituiria apenas uma massa, um aglomerado incapaz de respeitar as necessidades de outrem e, desse modo, tampouco conviver em harmonia (BRETONES, 2005).

Assim, a relação da teoria com os discursos fica clara na medida em que vemos que a vivência da responsabilidade, em termos da tutela do animal, não é vivenciada de forma mecânica e maçante. O que faz dela uma convivência plena de sentido, são os valores vivenciados nessa troca, desde a tomada de decisão por adotar e a capacidade de superar as possíveis frustrações advindas da real convivência frente à expectativa anterior. O discurso do sujeito coletivo, portanto, pode ser construído da seguinte forma, quando se faz referência a ideia de senso de responsabilidade:

As principais mudanças se fazem *“com relação a questão de responsabilidade. Você tem que cuidar da vida daquele ser vivo, tem que levar pro veterinário, tem que alimentar, tem a questão da higiene, até do local onde o animal vive.”*

Fazendo referência à mesma pergunta, a ideia que, em seguida, mais se repetiu, foi a de *bem-estar*. No geral, nesse ponto as falas fizeram referência aos bons sentimentos trazidos pela adoção e pela presença de animais de estimação. O discurso dos sujeitos 06 e 09 podem ser comparados também à ideia de vivência de valores e realização de sentido, enquanto formas de experimentar um bem-estar genuíno como produto de uma decisão tomada.

O bem-estar, portanto, define-se em função do sentido realizado, como resultado da capacidade essencial do ser humano de extrair o ideal valorativo das coisas, ou seja, pela autêntica vivência desses valores (PAREJA HERRERA, 2007). Dessa forma, o discurso do sujeito coletivo referente à essa ideia em relação à mudança pode ser definido como:

“A principal mudança acho que é a autoestima. E o entusiasmo é massageado com a adoção de um animal” ou mesmo a mudança se dá pelo fato de que os animais *“são um tranquilizante natural! Ao brincar, ao fazer aquele chamego, aquele carinho, é como se automaticamente esquecesse momentaneamente dos problemas, além de fazer companhia”*.

As ideias de cuidado, autotranscendência e sensibilização estiveram presentes, separadamente, em um discurso apenas. No entanto, é de extrema importância justificá-las. O cuidado aparece aqui de uma forma que possibilita se fazer a relação com o conceito de autotranscendência, pois se configura como uma forma de realização de sentido no dispêndio de cuidado e amor a um outro ser, conforme se pode observar do discurso do sujeito 02, além de comprovar o que traz a teoria quando se refere a uma condição de saúde e qualidade de vida como resultado da necessidade que o ser humano tem de cuidar de alguém, considerado por Tatibana e Costa-Val (2009), como um instinto humano. Nesse caso, justifica-se da mesma forma que para a ideia seguinte, bem como trabalhada na questão anterior ao pontuar a autotranscendência.

A sensibilização como foi colocada pelo sujeito 10, pode ser associada ao caráter relacional do homem, corroborando com o que traz a teoria quando afirma que crianças que convivem com animais são mais sensíveis (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009). Sá (2016), afirma que esse caráter relacional perpassa as três dimensões humanas – biológica, psicológica e espiritual – uma vez que o homem é um ser aberto ao mundo, sendo essa movimentação existencial que a capacidade de estar em relação pressupõe, responsável por modificações em termos até mesmo de identidade. Ou seja, o homem se modifica sempre, pois as relações, ou encontros existenciais determinam troca, movimentação.

É nessa dinâmica que o ser humano se diferencia de tudo que é externo a ele (SÁ, 2016), e pode então dirigir-se a algo além de si mesmo. Ademais, é impossível que se perceba um comportamento de sensibilização sem associá-lo à afetividade. Por isso, esse discurso se relaciona também à vivência de valor – em especial o valor de atitude generalizado – que, como já foi dito, todo encontro existencial pressupõe. Para Bretones (2005), a natureza e o meio social são os polos que permitem ao homem a realização de sentido considerando seu caráter comunitário, relacional. No discurso 10 é possível observar a presença de ambos.

A vivência de valores depende, no entanto, das experiências do ser humano no mundo para que sejam desvendados (SÁ, 2016), deixando claro, portanto, a importância de se viver algo para que possamos nos realizar e, então, sensibilizar com o que foi vivenciado, bem como acontece com o sujeito 10, fazendo referência a seu discurso. Desse modo, o discurso do sujeito coletivo referente à ideia de sensibilização pode ser construído da seguinte forma:

Com a presença de um animal de estimação percebi mudança com relação “*a minha forma de olhar pros outros animais*”.

Desse modo, essa experiência pode se configurar como autotranscendência na medida em que a priorização, por muitas vezes, da satisfação das necessidades do animal implica a vivência desses valores, somada a capacidade que o humano passa a ter, nesse momento, de esquecer de si mesmo ao direcionar-se a esse algo externo: seu gato ou cachorro de estimação. Nos discursos, portanto, vê-se como uma regra: na medida em que entram em contato com o que há de mais íntimo em si mesmos e nisso encontram sentido, a tendência é que desejem vivências semelhantes, e aprendam sempre, expandindo as possibilidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa atingiu seus objetivos na medida em que os discursos refletem o fato de que as pessoas que optam por adotar um animal possuem uma possibilidade legítima de

transcenderem no cuidado despendido aos mesmos, e de que o sentido da adoção reside nessa capacidade de transcendência do ser humano frente a seu animal de estimação, através dos mecanismos de afetação – na mobilização dos valores, e entrega– na autotranscendência consequente. Além disso, fica claro como a responsabilidade e os valores devem ser anteriores mesmo à tomada de decisão para que se dê o sucesso do processo de adoção, enquanto características antropológicas.

Acredito que a tensão e outros sentimentos que podem partir da reflexão sobre a temática podem dificultar a expressão e contato dos sujeitos, podendo justificar a desistência de alguns participantes. No entanto, foi possível incitar o benefício esperado em relação à essa mesma reflexão por meio dos participantes, enquanto meio de fazê-los compreender que a interação entre o homem e o animal, bem como a natureza de maneira geral, pode significar uma vivência que vai muito além da mera troca de benefícios práticos e objetivos.

Assim, a proposta de sensibilização quanto a temática e o melhor aproveitamento das experiências dos entrevistados com a natureza, também se fez possível e, na medida em que aposto no caráter relacional do ser humano, esse resultado se configura como benefício social, além de ambiental e pessoal, refletidos na qualidade de vida consequente desse equilíbrio. Ademais, fica patente a possibilidade de beneficiar o bem-estar animal direta ou indiretamente, evidenciando como estudos na área merecem ser ainda mais praticados e aprofundados.

ABSTRACT

This research sought to evidence the values involved in the experience of the responsible care of adopted animals that lived in a situation of abandonment, through the discourse of the adopters themselves and starting from the hypothesis that the responsibility inherent to the care of an animal, can be configured as a legitimate form of lead the subject to self-transcendence, also as a result of this social character that presupposes the relations of human beings in the world. For this, a qualitative research was carried out, with a sample composed of ten subjects who had adopted animals and who still lived with them, through a socio-demographic questionnaire and a semi-structured interview in which questions were analyzed from the Collective Subject Discourse Technique (CSD) for the analysis of qualitative data, and served as the basis for the discussion, which was based on the Existential Analysis proposed by Viktor Frankl or, more precisely, on the experience of values - especially attitude values Generalized, which are a basic premise for human achievement and

self-transcendence. As a starting point, was considered the hypothesis that the interaction with an animal, as a form of social relation, necessarily goes through the realization of authentic values, as a consequence of self-transcendence, just right as the care with another being causes the human being stop seeing yourself. The results were favorable for the possibility of self-transcendence in these cases, when the decision to adopt causes changes and enables the experience of values.

Keywords: Animals; Logotherapy; Self-transcendence.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. L.; ALMEIDA, L. Pereira de; BRAGA, P. F. de Souza. Aspectos psicológicos na interação homem-animal de estimação. In: 9º ENCONTRO INTERNO E 13º SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2009, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Edufu, 2009. p. 1 - 6. Disponível em: <http://patastherapeutas.org/wp-content/uploads/2015/05/Aspectos_...pdf>. Acesso em: 06 mar. 2017.

ALVES, Ana Julia Silva e et al. Abandono de cães na América Latina: revisão de literatura. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do Crmv-sp**, São Paulo, v. 11, n. 2, p.34-41, ago. 2013. Disponível em: <<http://revistas.bvs-vet.org.br/recmvz/article/view/16221/17087>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

BRETONES, F. **Logoterapia: la audacia de vivir**. Buenos Aires: San Pablo, 2005.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido de vida**. São Paulo: ed. Quadrante, 2003.

FRANKL, V. E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2011.

FREITAS, M. L. S. **Educação integradora e sexualidade humana: resgate do sentido do amor**. Ribeirão Preto, SP: Instituto de Educação e Cultura Viktor Frankl – IECVF, 2015.

LANDSBERG, G.; HUNTHAUSEN, W.; ACKERMAN, L. **Problemas comportamentais do cão e do gato**. São Paulo: Roca, 2004.

LEFÈVRE, Fernando. LEFÈVRE, Ana Maria MARQUES, Maria Cristina. Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. *In: Rev. Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 14(4):1193-1204. 2009.

LUKAS, E. **Prevenção psicológica: a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

ORTIZ, Efrén Martínez. **El diálogo socrático en la psicoterapia**. Bogotá: Saps, 2012.

PAREJA HERRERA, G. **Viktor Frankl**: Comunicación y resistencia. Buenos Aires: San Pablo, 2007.

SÁ, Lorena Bandeira Melo de. A dimensão social na Logoterapia. In: SANTOS, Gilvan de Melo; SÁ, Lorena Bandeira Melo de (Org.). **Da teoria à prática**: a dimensão social na Logoterapia. João Pessoa: Ideia, 2016. Cap. 1. p. 44-52.

SANTANA, H. J. de. *Abolicionismo Animal*. **Revista de Direito Ambiental**. n.6. p.85-109, out-dez, 2004. Disponível em: <<http://www.abolicionismoanimal.org.br/artigos/abolicionismoanimal.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

SANTANA, L. R., OLIVEIRA, T. P. Guarda responsável e dignidade dos animais. **Revista Brasileira de Direito Animal**.V. 1, n. 1, 2006.

SILVANO, D. et al. Divulgação dos princípios da guarda responsável: uma vertente possível do trabalho de pesquisa a campo. **Revista Eletrônica Novo Enfoque**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 9, p.64-86, 2010. Disponível em: <<http://www.castelobranco.br/sistema/novoenfoco/webroot/files/09/artigos/06.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

SINGER, P. **Libertação Animal**. São Paulo: Lugano, 2004.

SOTO, Francisco Rafael Martins. **Dinâmica populacional canina no Município de Ibiúna-SP**: estudo retrospectivo de 1998 a 2002 referente a animais recolhidos, eutanasiados e adotados. 2003. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SOTO, Francisco Rafael Martins et al. Adoção de cães no município de Ibiúna – SP – Brasil: Análise crítica. **Revista Ciência em Extensão**, São Paulo, v. 3, n. 1, p.26-35, dez. 2006.

TATIBANA, Lilian Sayuri; COSTA-VAL, Adriane Pimenta da. Relação homem-animal de companhia e o papel do médico veterinário. **Revista Veterinária e Zootecnia em Minas**, Belo Horizonte, p.12-18, out. 2009. Disponível em: <www.crmvmg.org.br>. Acesso em: 06 mar. 2017.

UNESCO, ONU. (1978). **Declaração Universal dos Direitos dos Animais**. Bruxelas.